

**BOCA
DO INFERNO**
OTTO LARA RESENDE
contos

posfácio AUGUSTO MASSI

Copyright © 2014 by herdeiros de Otto Lara Resende
Copyright do posfácio © 2014 by Augusto Massi

Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

MARIANA LARA | ESTÚDIO XADREZ

Foto de capa

AUTOR NÃO IDENTIFICADO/ COLEÇÃO OTTO
LARA RESENDE/ ACERVO INSTITUTO MOREIRA
SALLES

Preparação

JACOB LEBENSZTAYN

Revisão

THAÍS TOTINO RICHTER
HUENDEL VIANA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Resende, Otto Lara, 1922-1992.

Boca do inferno : contos / Otto Lara Resende ; posfácio Augusto
Massi — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2251-6

1. Contos brasileiros I. Título.

13-03295

COO-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira

869.93

| 2014 |

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

RUA BANDEIRA PAULISTA, 702, C.J. 32
CEP 04532-002 • SÃO PAULO • SP
TEL 11. 3707-3500 • FAX 11. 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

CONTOS

Filho de padre	p. 9
Dois irmãos	p. 27
O porão.....	p. 51
Namorado morto.....	p. 69
Três pares de patins.....	p. 85
O segredo	p. 95
O moinho	p. 115

POSFÁCIO

Narrador de tocaia, Augusto Massi...	p. 133
--------------------------------------	--------

FILHO DE PADRE

— Cabeça-dura — padre Couto ameaçou dar-lhe um coque com os nós dos dedos. Trindade fugiu à mão do vigário, que era incansável naquela mania de lhe ensinar latim.

— Genitivo, genitivo — gritava o mestre, numa voz que misturava irritação e desinteresse.

A pequena sala de móveis rústicos sufocava de calor. Da cozinha chegava a algazarra dos pássaros — o curió desdobrando gorjeios longos, dolentes. Padre Couto levantou-se da cadeira de palha trançada, arrepanhou a batina surrada que deixava ver embaixo as calças de brim ordinário, e andou até a janela; suspendeu a vidraça de guilhotina e, por um momento, perdeu a vista pela horta que descia até o riacho. Os legumes reverberavam ao sol, sem sombras. Dava gosto a chacinha do padre Couto.

— *Romulus romanorum rex fuit* — recitou padre Couto, maquinalmente, a atenção ainda presa no enxame de abelhas amontoadas à porta de uma das colmeias. — Passou mel no caixote, para chamar a família? — padre Couto virou-se para Trindade, que esgravatava o dedão do pé.

— Hem? — fez Trindade, com o ar abobalhado que o padre detestava.

— Cabeça-dura, cabeça-dura — exclamou o vigário de mão no ar, como se assim reiniciasse a lição de latim. — Por hoje chega — disse em seguida, e saiu às pressas para o quintal, a ver o que sucedia com as arapuás e manaçaias.

Nada de grave sucedia. Trindade se esquecera de abrir a

entrada do caixote por onde as abelhas penetravam para fabricar em paz os seus favos de mel.

— Ô quadrúpede! — gritou padre Couto, e o grito perdeu-se ali por perto. Trindade já estava longe, do outro lado da casa paroquial. Na varanda, sentado no murinho que dava para a calçada, espichava um olhar vazio e preguiçoso pelo largo imenso, onde ninguém passava naquela hora. Embaixo do banco de pau, o cachorro modorrava de olhos fechados. De quando em quando, estremeia o pelo da cabeça à cauda, para livrar-se de uma pulga incômoda.

— Peludo — chamou Trindade, quando o cachorro escancarou o focinho com um bocejo ganido. E como Peludo não atendesse, Trindade saltou no chão e vibrou-lhe um pontapé no lombo. Depois agarrou-o pelas patas dianteiras e arrastou-o até o portão. Aí soltou-o com outro pontapé, capaz de arrancá-lo de vez ao torpor dorminhoco em que se encontrava.

Trindade saiu andando pela calçada, saltou para o pé de moleque do largo e olhou para trás. A pequena distância, indeciso, Peludo o acompanhava. A um assobio, o cachorro animou-se e correu para alcançá-lo. Debaixo do sol que queimava, agora juntos, um e outro caminharam até o outro lado do largo, junto à rua principal.

— Filho de padre! — Antes de verificar de onde partira o grito, Trindade abaixou-se rápido e apanhou o primeiro calhau à mão. Revistou à sua volta, não achou ninguém. As janelas das casas — abertas do lado da sombra, fechadas do lado do sol

— permaneciam imóveis, não denunciavam qualquer presença. — Filho de padre! — Nas suas costas. Trindade voltou-se, de novo não viu ninguém. Procurou identificar a voz, não conseguiu. O grito vinha dali mesmo, a poucos passos dele. Conhecia um por um os meninos que gostavam de provocá-lo.

— Filho de padre é a mãe — berrou, desafiando o silêncio, a rua parada que nenhuma brisa estremecia. O rabo entre as pernas, orelhas murchas, Peludo saiu correndo de volta à casa paroquial. Trindade colou-se ao muro da esquina e esperou.

— Filho de padre! — o grito não tardou a se repetir. Ainda teve tempo de ver o filho do doutor Silvino abaixar-se por trás da janela que tinha uma banda fechada. Trindade atirou a pedra, que foi espatifar com estrépito a vidraça. Alguém apareceu à janela do sobrado defronte para ver o que se passava. Trindade saiu numa carreira desabalada até junto da igreja, onde se sentiu protegido e diminuiu o passo, de fôlego curto. Enveredou pelo cemitério, para encurtar caminho, e saiu pelos fundos, na laje que se estendia em declive até lá embaixo, no bambual amarelo e seco do veranico. Conhecia a laje como a palma de sua mão. Aqui e ali, musgos prateados apareciam à superfície. Trindade desceu até uma cavidade onde se refugiou como numa caverna. Lá de cima ninguém o poderia ver. Espichou-se na rocha, de barriga para baixo, os cotovelos fincados no chão duro, as mãos amparando o rosto. A caverna sombria guardava ainda o calor do sol. Trindade ficou olhando o bambual lá embaixo e não soube pensar em nada.

— Filho de padre é a mãe. É a mãe — repetiu entre dentes.

Padre Couto naquele momento devia andar à sua procura para cuidar das abelhas, ou para algum trabalho no pomar. Antes de começar a aperreação do latim, dera-lhe ordem para lambuzar o tronco das laranjeiras com o preparado contra as pragas que ameaçavam o laranjal. O vigário andava preocupado com uns enxertos novos — e quando cismava com uma coisa, ia até o fim. Que se cansasse agora de procurá-lo, lá não iria.

Do meio do bambual, surgiu um peru calorento. Uma galinha-d'angola recomeçava de minuto a minuto o seu canto monótono, incansável. Os fundos da chácara de seu Júlio faziam divisa no bambual, mas nunca aparecia ninguém naqueles confins. Na caverna, Trindade estava seguro, longe da zombaria dos outros meninos, longe de toda a gente, das obrigações do padre Couto. Se fosse preciso, se alguém aparecesse, Trindade podia descer até onde a laje se abria numa furna que a tradição considerava amaldiçoada, mal-assombrada. Escura e secreta Boca do Inferno. Aranhas e lagartos ali viviam, e cobras. O lugar pouco acessível tinha a proximidade desconfortável do cemitério, que em parte ficava à vista, com os seus túmulos abandonados. Na laje, lá em cima, muita gente aparecia para tomar a fresca da tarde, até a noitinha, e apreciar o crepúsculo.

Trindade conhecia bem a laje. Deitado à noite em seu quarto, gostava de imaginá-la nas diversas horas do dia: de

manhã, depois da missa, quando o alegre bambual rumorejava, fresco; ao meio-dia, depois do almoço, quando o sol escaldava na pedra e lhe arrancava reflexos de cristal; ao crepúsculo, quando a tarde estendia na rocha o seu manso tapete de sombra, em contraste com o incêndio de cores que morria no horizonte longínquo; ou à noite, quando a lua cheia acendia no musgo da pedra oscilações de um lago e transformava o cemitério ao lado numa pequena cidade fantástica.

Os cotovelos doendo contra a rocha dura, Trindade sentou-se na beirada da caverna e agarrou uma pedra. Atirou-a para o ar, sem destino. Assustado, um tico-tico levantou voo de um galho da figueira. Lembrou-se da vidraça partida. Certamente a mulher do médico iria reclamar com padre Couto — mais uma dívida que deveria pagar. O vigário anotava as faltas, até que justificavam uma boa surra de vara de marmelo.

— Ai do pai que poupa a vara a seu filho!

Trindade mesmo ia cortar a vara. Suportava o castigo de dentes cerrados e olhos secos — talvez por isso padre Couto lhe batesse com gosto, zunindo a vara no ar. Os vergões das lambadas levavam dias para desaparecer de sua pele escura, nas costas e nádegas. As surras eram agora mais frequentes, e padre Couto não dava mostra de perder a força. Aos quatro anos, Trindade tomou o primeiro castigo de vara. Agora, tinha catorze: dez anos de varadas.

Olhou o céu alto. Dos lados da serra, nuvens grossas anunciavam chuva. Os urubus, em círculos mais baixos, confirma-

vam a tempestade que vinha vindo. Trindade levantou-se e, num minuto, dobrado sobre si mesmo, os pés firmes na laje, chegou aos fundos da igreja. Saiu no largo, entrou pela varanda, com ar despreocupado. Padre Couto não estava na sala, nem no quarto, nem na cozinha, onde a passarinhada, com o anúncio de chuva, se acalmara. Devia estar lá fora, mexendo ainda com as abelhas. Foi ver; estava.

— Venha cá, seu quadrúpede — chamou padre Couto, quando o viu aproximar-se. — Você ia me fazendo perder todo um cortiço.

Trindade olhou a nuvem de abelhas pojeris, jatis, uruçus — entrando e saindo, os caixotes pesados de favos de mel. Padre Couto, numa batina ruça e puída, que ele arregaçava e prendia à cintura, enfiava a mão no ninho das abelhas, visível pela parede de vidro.

— Estas pretinhas são trabalhadeiras, fazem boa cera — disse padre Couto, sem se importar com as abelhas que lhe pousavam na mão.

— Ai — disse Trindade, levando a mão ao olho, onde acabava de ser picado.

— Fosse o abelheiro que tem de ser, para me ajudar, elas já não estavam mais picando você — disse padre Couto.

Trindade afastou-se com a mão no olho, em direção à cozinha.

— Tire o ferrão — disse o vigário, indiferente. — E passe um pouco de cachaça no lugar.

Padre Couto sorria. As abelhas nunca o picavam. Tinham instinto bastante para conhecer as pessoas que não deviam ferroar. Amigo das abelhas, o padre passava horas esquecido no seu convívio.

Trindade entrou na cozinha e deu com a Felícia fazendo o jantar.

— Me apanha aqui um pedaço dessa linguiça — disse ela, assim que viu Trindade. O menino subiu no tamborete e agarrou um pedaço da linguiça de porco pendurada na corda em cima do fogão.

— Não sei como os ratos não deram nessa linguiça — disse Trindade.

Os ratos, agora mais numerosos do que nunca, estavam por toda a casa, passeavam pela igreja e à noite se reuniam na cozinha: corriam de um canto a outro, caíam com um baque surdo da mesa ao chão, ou subiam pelo cano de água quente que sumia por trás do teto de ripas.

— Agora vai tudo morrer — disse Felícia. — Seu vigário espalhou um remédio aí que é só comer e esticar a canela.

— Felícia — disse Trindade —, uma abelha picou meu olho e já está inchando.

— Remédio para isso é fumo — disse Felícia. — E tirou do bolso do avental encardido um pedaço de fumo de rolo e começou a mascá-lo com muita saliva. Depois esfregou-o no olho de Trindade, em cima da ferroada.

— Meu filho, onde anda o vigário?

Meu filho. A preta velha tinha a mania de chamá-lo de meu filho. Sua mãe — pensou Trindade — talvez se parecesse com Felícia. Uma pobre mulata bêbada vinda da fazenda do coronel Justiniano. Uma noite saiu e não voltou: foi encontrada morta de madrugada, no adro da igreja. Trindade tinha três anos quando a mãe morreu. Muita beata sussurrou que era bem feito, que ela pagava os pecados que cometera. E toda gente via Trindade com maus olhos — um filho sem pai:

— É filho do Tinhoso, obra do Cão.

Padre Couto sabia da maledicência. Aninha, a mãe de Trindade, servira-o por muitos anos, lavando, cozinhando, arrumando a casa paroquial e cuidando da igreja. De vez em quando, invernava na bebida. Padre Couto ficou com o menino, para fazer dele um homem. Mas Trindade não tinha queda para o estudo. Por muito favor aprendeu ajudar à missa, enrolava o latinório, confundia as respostas. Não servia nem para coroinha. Quantas vezes já tinha deixado apagar-se a lâmpada do Santíssimo?

— Esse quadrúpede não tem alma de cristão — dizia o padre.

Em vão o vigário esperava que o menino melhorasse. Trindade vinha piorando cada vez mais. Padre Couto se arrependia de ter ficado com a cria de Aninha. Devia ter mandado o menino para um orfanato. Mas era o padrinho de Trindade. Inventara-lhe até o nome, José Trindade, porque nasceu na vigília da Santíssima Trindade.

— Estão chamando lá na frente — disse Felícia, afiando o ouvido.

Alguém batia palmas na varanda. Trindade foi ver quem era. Pedido de viático não havia de ser, não sabia de nenhum agonizante naquele dia. Podia ser alguma beata com um presente para o vigário: galinha assada, bolo quentinho, queijo recém-chegado de uma fazenda vizinha. Antes de abrir a porta, espiou pela vidraça. As palmas estrugiam mais fortes. Era dona Carlota, a mulher do doutor Silvino. Na certa vinha se queixar da janela quebrada. Trindade deu meia-volta, enveredou pela sala e saiu no corredor que ia dar na sacristia.

Já era hora de abrir as portas da matriz. Diante do altar-mor — Nossa Senhora das Graças, as mãos espalmadas com feixes metálicos — lançou um olhar que era quase de súplica. Nossa Senhora das Graças: Trindade gostava daquela imagem, a cabeça delicada, o manto azul, o rosto rosado e os olhos muito limpos, mais vivos do que olhos de verdade.

Atravessou a igreja pensando na mulher do médico, que já devia estar falando com o padre. O vigário nem queria saber o que é que houvera: se uma vidraça tinha sido partida, Trindade devia pagar pelo malfeito. A vara de marmelo iria cantar no seu lombo.

— Filho de padre é a mãe — resmungou Trindade abrindo a porta pesada da igreja.

Voltou até o meio da matriz, sem saber que rumo tomar. Sentado num banco, olhou o rico lustre brilhante, depois o

teto com o painel da criação do homem. Adão e Eva eram filhos de Deus. Todo mundo era filho de Deus. Os meninos todos tinham pai e mãe. O sol esplendia nos vitrais, mas uma parte da igreja permanecia vazia, sem ninguém, na penumbra. Adornos retorcidos, brancos e dourados, complicavam-se nos altares laterais, até a multidão de arabescos e ornatos do altar-mor. Santos e anjos entulhavam os altares. Trindade não se lembrara de tocar o sino, mas nem por isso as beatas deixariam de aparecer. Daí a pouco uma velha entrou arrastando os pés. Tossiu com espalhafato. Trindade deu a volta pelo adro e foi esconder-se nos fundos da casa paroquial. Um vento empoeirado fazia voar folhas e papéis. A chuva ia ser pesada.

— Que história é essa de quebrar a vidraça do doutor Silvino? — perguntou o padre Couto, com uma voz que se esforçava por ser enfurecida.

— O filho dele me xingou — disse Trindade, acabando de entrar.

— Pois se você quebrou a vidraça dele.

— Me xingou antes... — ia dizendo Trindade, mas padre Couto interrompeu-o:

— Levante as mãos para o céu, que hoje você ainda vai ser poupado. Amanhã depois da missa, o senhor me traga uma vara bem boa para o que carece e merece.

Felícia passou com as travessas para a sala de jantar. O padre persignou-se, assentou-se e jantou em silêncio. Na cozinha, sentado no degrau da porta, Trindade comeu mal.

— Já tocou para a bênção? — perguntou padre Couto, depois do jantar.

Trindade saiu pelo corredor até a sacristia, entrou na igreja, atravessou a nave até a entrada. À direita, a escada em caracol para a torre. Subiu alguns degraus e puxou a corda que prendia o badalo do sino menor. As badaladas ecoaram rápidas pelo largo que o vento varria agora furiosamente. Trindade voltou à sacristia, abriu o gavetão da cômoda de jacarandá onde se guardavam as vestes talaes. Da cruz negra, na parede defronte, pendia um Cristo de joelhos e mãos a sangrar. Quando Trindade puxou a gaveta emperrada, um rato atravessou a sacristia e sumiu no buraco do rodapé podre. Bem junto da cômoda, viu o pires com trigo roxo, inútil. Apanhou a batina velha, várias vezes remendada, e vestiu-a por cima da roupa. A calça era da mesma fazenda, aproveitada de uma velha batina do vigário. Filho de padre... Enfiou o roquete rendado pela cabeça. Abriu depois o gavetão maior e pôs em cima da cômoda a casula, a estola e os demais paramentos do padre. Por baixo da mesa de pés torneados, estava o turíbulo. Encheu-o de incenso e foi buscar umas brasas na cozinha. No corredor, cruzou com o padre, que nem o olhou. Quando voltou, o vigário paramentado se dirigia ao altar. Trindade acendeu as velas, o padre abriu o tabernáculo. Duas dezenas de fiéis se espalhavam ralmente pelos bancos. Muita beata ficou em casa, com medo da chuva. A fumaça do incenso invadiu a capela-mor, espalhou-se pela nave, impregnou a igreja. No

coro, dona Cora, a solista, tossia, inquieta, aguardando o momento de cantar.

Terminada a bênção, padre Couto recolheu-se rápido à sacristia. Não rezou o terço naquela noite. Junto dele, Trindade despia desajeitado a sobrepeliz.

— Seu bronco — rosnou o padre entre dentes.

Trindade tirou o roquete e a batina, fechou os gavetões da cômoda e voltou ao recinto da matriz. A noite tinha invadido a igreja. Trindade acendeu a luz e, no altar-mor, trocou o pavio da lâmpada de azeite. Duas velhas de xale nos ombros cochichavam orações e não davam sinal de sair. Trindade bateu com o missal no genuflexório mais próximo. Afinal as velhas se retiraram, trôpegas, amaldiçoando o coroinha, alma de herege.

Trindade se refugiou no seu quarto, depois da cozinha, junto à despensa para o grosso dos mantimentos. Quando a chuva caísse, queria estar dormindo. Mas o tempo passava, e Trindade não dormia. O silêncio só era perturbado pela rata-ria, em algazarra na despensa e na cozinha. Gordas ratazanas, chiando de prazer, devoravam o milho que o vigário armazena-va na despensa. Lá fora, os relâmpagos cortavam a noite escura. Os lençóis encardidos de Trindade cheiravam a desinfetante. E fazia calor no cubículo abafado.

— Trindade — a voz do padre Couto chegava até ele quase apagada. Na despensa, os ratos por um momento se calaram. Vinham vindo passos pela sala, pela cozinha, pelo pequeno corredor, até parar diante da porta: — Trindade.

Não respondeu. O vigário irritou-se:

— Está dormindo, animal?

Trindade levantou-se, destrancou a porta.

— Vem fazer o chá — e padre Couto retirou-se.

Trindade enfiou as calças por cima da camisola de dormir. Chá forte e café amargoso: conhecia o gosto do vigário. O café era torrado em casa, depois passado no pequeno moinho preso à mesa da cozinha. O chá era presente de fazendeiros. Tinha de acender o fogo. Soprou uns restos de brasas, juntou uns cavacos secos, atçou as fagulhas com o abanador e botou três achas de lenha para alimentar o fogo. Na sala, o padre tossia e escarrava com estardalhaço. Os relâmpagos lá fora pareciam mais distantes e os trovões agora eram quase imperceptíveis.

Pôs a água para ferver e sentou-se no tamborete, os cotovelos fincados nos joelhos. O fogo crepitava. Um rato apontou a cabeça junto da porta, parou um instante e desapareceu correndo.

— Anda com isso — chamou padre Couto lá da sala.

O desejo de Trindade era demorar sempre mais, era não fazer o chá. Não servir ao vigário caduco, que acompanhava no altar, na mesa de refeições, no trabalho do pomar e na criação das abelhas. Sempre o padre Couto, padre Couto por toda parte e a toda hora. Filho de padre. No dia seguinte, depois da missa, a surra de vara de marmelo. Quando o padre Couto prometia, por nada deste mundo deixava de cumprir.

O vento lá fora de novo começou a soprar mais forte. Um

trovão ribombou dentro da cozinha. Um pedaço de calha batia na parede monotonamente. A chuva começou a cair. Trindade acabou o chá e, quando ia encher o bule, tropeçou num pires no chão. Era o pires com o trigo roxo. O veneno não dava cabo dos ratos, espertos, roendo o milho da despensa.

— Anda ligeiro — implorou o padre, acometido de novo acesso de tosse.

Trindade parou, a bandeja na mão: o chá, a xícara, o açúcar. Abaixou-se com cuidado e apanhou o pires com o trigo roxo. Como se a decisão já tivesse nascido há muito dentro dele, prolongou o movimento e derramou o veneno na xícara de chá. Apressou o passo, para a sala. Padre Couto cochilava na cadeira de balanço. Aberto, no colo, o breviário.

— Padrinho, olha o chá. — Trindade aproximou-se.

Sua voz era tranquila. Padre Couto serviu-se, tomou a xícara nas mãos, aspirou por um momento o aroma do chá, depois sorveu-o a grandes goles.

— Que diabo você meteu neste chá?

— Nada. Chá.

Trindade retirou-se. Padre Couto recostou-se na cadeira de balanço, a xícara nas mãos. Sua tosse ecoou por toda a casa — tossia pela última vez. Trindade foi até o adro e aí contornou a igreja, entrou no cemitério. Chovia agora pesadamente. Trindade desceu a laje molhada sem escorregar, passou pela caverna onde estivera à tarde e continuou até alcançar a Boca do Inferno. O vento fazia gemer o bambual fustigado pela

chuva. Ao entrar na gruta escura, tinha a roupa ensopada. No lombo da laje, a chuva estalava com vontade o seu chicote. Agachado lá dentro, Trindade entrevia os relâmpagos cortarem a noite, enquanto a trovada desdobrava ecos que as montanhas pouco a pouco ensurdeciam. Alguma coisa, coisa viva, tocou-lhe o pé. Talvez um lagarto, assustado pela tempestade.

Nos cantos da Boca do Inferno, como se a quisessem isolar do temporal que rugia lá fora, aranhas fiavam em silêncio a mais frágil cortina que jamais se teceu sobre a terra.